

Ana Luísa Amaral

*Universidade do Porto*

## Afinidades electivas (cinco poemas: tradução)

### **A Pantera**

*No Jardim des Plantes, Paris*

Tornou-se tão cansado o seu olhar,  
ao romper barras, que retém só nada.  
Como se nesse olhar fossem mil barras  
e, além de mil barras, nenhum mundo.

Passeia, branda, em passo intenso e leve,  
movido em roda do mais curto círculo:  
dança de força circulando um centro  
onde, aturdida: uma vontade imensa.

Às vezes, a cortina da pupila  
rasga-se no silêncio -. Entra então  
uma imagem, que, em tensa calma, os membros  
atravessa – e cessa em coração.

Rainer Maria Rilke

### **Soneto 130**

O olhar da minha amada não se compara ao sol,  
Mais carmim é o coral que os seus lábios carmim.  
Se a cor da neve é alva, mortiço é o seu colo,  
Se os cabelos são fios, fio negro o seu cabelo.  
Vi rosas de Damasco cor de carmim e alvas,  
Mas não nas suas faces vejo eu rosas tais,

E há em certos perfumes prazeres tantos e mais  
Dos que, em hálito seu, a minha amada exala.  
Adoro a sua voz, contudo, sei-o bem  
Que a música possui um som muito mais belo.  
Juro que nunca vi uma deusa a passar –  
Quando anda, a minha amada caminha sobre o solo.  
E contudo, por Deus, tão raro é o meu amor  
Quanto os que ela desmente em falso cotejar.

William Shakespeare

### **Limite**

A mulher está perfeita.  
O corpo

Morto veste o sorriso da plenitude,  
A ilusão de uma necessidade grega

Flui-lhe das pregas da toga,  
Os pés

Nus parecem querer dizer:  
De tão longe viemos, terminou.

Duas crianças mortas, enroladas, serpentes brancas,  
Cada uma de seu jarro

De leite, pequeno, já vazio.  
Recolheu-as

No corpo como se fossem pétalas  
De uma rosa fechada quando o jardim

É hirto e sangram os perfumes  
Das gargantas doces da nocturna flor.

A lua nada tem que a entristeça,  
Contemplando fixa, do seu capuz de osso.

Habituada que está a estas coisas,  
Crepitam e alongam-se os seus lutos.

Sylvia Plath

**Lady Lázaro**

Fi-lo outra vez.

Um ano em cada dez

Eu sou capaz –

Um milagre ambulante, a minha pele

Brilhante como *abat-jour* nazi,

O pé direito

Um pisa-papéis,

A minha face um pano fino, sem contornos

Em linho judeu.

Tira o sudário,

Ó meu inimigo.

Aterrorizo? –

O nariz, as órbitas, completa, a dentadura?

O hálito azedo

Esfumar-se-á num dia.

Em breve, muito em breve, a carne

Que a gruta do túmulo comeu

Comigo viverá

E eu, mulher sorridente.

Tenho só trinta anos

E como o gato nove vezes para morrer.

Esta é a Número Três.

Quanto lixo

A destruir por década.

Quantos mil filamentos.

A multidão vulgar e curiosa

Delira ao vê-los

A despirem-me toda –

O grande *strip tease*.

Minhas senhoras, meus senhores

Eis as minhas mãos,

Eis os meus joelhos.

Posso ser pele e osso,

E todavia, sou a mesma, idêntica mulher.

Tinha dez anos quando aconteceu pela primeira vez.

Foi acidente.

Da segunda vez quis  
Que durasse e eu nunca mais voltasse.  
Fechei-me toda

Como concha do mar.  
E eles tiveram que chamar e chamar  
E arrancar de mim os vermes, pérolas cravadas.

Morrer  
É uma arte, como tudo o resto.  
Faço-o excepcionalmente bem,  
Faço-o para que saiba a inferno,  
Faço-o para que saiba a real.  
Podem mesmo dizer que tenho um talento especial.

É fácil fazê-lo numa cela,  
É fácil fazê-lo e ficar direita.  
É o regresso

Teatral, em plena luz do dia,  
Ao mesmo sítio, à mesma cara, ao mesmo grito  
Divertido e bruto:

“Milagre!”  
Dá cabo de mim.  
Há um preço

Para ver as minhas cicatrizes, há um preço  
Para ouvir o meu coração –  
É que ele bate mesmo!

E há um preço, um preço muito alto  
Por uma palavra, ou um toque  
Ou um pouco de sangue

Ou um fio do meu cabelo ou um fio da minha roupa.  
Vá lá, *Herr Doktor*.  
Vá, *Herr* Inimigo.

Sou a vossa obra de arte,  
A vossa peça de maior valor,  
O bebé de ouro puro

Que se derrete com um grito.  
Viro-me e ardo.  
Não penseis que subestimo o vosso interesse.

Cinzas, cinzas –  
Atiçais, revolveis.  
Carne, osso, nada disso existe –

Um sabonete,  
Uma aliança,  
Um dente de ouro.

*Herr* Deus, *Herr* Lucifer,  
Tremei,  
Temei.

Das cinzas  
Ergo-me, o cabelo em fogo,  
E devoro homens como ar.

Sylvia Plath

### **Queimar papéis em vez de crianças**

*I was in danger of  
verbalizing my moral  
impulses out of existence.*

Daniel Berrigan, durante o seu julgamento em Baltimore

1. O meu vizinho, um cientista e colecionador de arte, telefona-me num estado de emoção violenta. Diz-me que o meu filho, de onze anos, e o seu filho, de doze, no último dia de escola, queimaram um livro de matemática no quintal das traseiras. O meu vizinho proibiu o meu filho de ir a sua casa durante uma semana e proibiu o filho dele de sair de casa durante esse tempo. “Queimar um livro”, diz ele, desperta em mim memórias terríveis, memórias de Hitler; há poucas coisas que me perturbem tanto como queimar um livro.”

Há muito tempo: a biblioteca, de paredes forradas  
com *Britannicas* verdes  
Procurando outra vez  
MELANCOLIA, nas  
*Obras Completas* de Dürer, a mulher desconcertada  
os crocodilos em Heródoto  
o *Livro dos Mortos*  
o *Julgamento de Joana d’Arc*, tão azul  
penso, É essa a sua cor  
e eles levam o livro  
porque eu sonho com ela demasiadas vezes  
o amor e o medo numa casa  
a sabedoria do opressor  
sei que queimar dói

2. Imaginar um tempo de silêncio  
ou poucas palavras  
um tempo de química e música  
as pequenas covas acima das tuas nádegas,  
traçadas pela minha mão  
ou, *o cabelo é como carne*, disseste  
uma era de longo silêncio  
o conforto  
desta língua    desta placa de calcário  
de concreto reforçado  
fanáticos e traficantes  
lançados nesta costa verde e selvagem vermelha como barro  
que antes respirava  
em sinais de fogo  
varrida em vento  
a sabedoria do opressor  
esta é a linguagem do opressor  
e todavia preciso dela para falar contigo

3. As pessoas sofrem desesperadamente na pobreza e é necessária dignidade e inteligência para ultrapassar este sofrimento. Algum do sofrimento é: uma criança não jantou ontem à noite; uma criança rouba porque não tinha dinheiro para comprar o jantar; ouvir uma mãe dizer que não tem dinheiro para comprar comida para os filhos e ver uma criança sem roupa traz lágrimas aos olhos.

(a fractura da ordem  
reparar o discurso  
ultrapassar este sofrimento)

4. Ficamos deitadas debaixo dos lençóis  
depois de fazer amor, falando  
da solidão  
aliviada por um livro  
revivida num livro  
de tal forma que nessa página  
o seu coágulo a sua fissura  
possam aparecer  
palavras de um homem  
em dor  
uma palavra nua  
entrando no coágulo  
mão que agarra  
através das barras:

libertação

O que acontece entre nós  
tem acontecido durante séculos  
sabemo-lo pela literatura

ainda acontece

ciúme sexual  
mão precipitada  
cama desfeita

secura na boca  
depois do ofegar

há livros que descrevem tudo isto  
e são inúteis

Entras pela floresta atrás de uma casa  
aí, nesse país  
encontras um templo  
construído há mil e oitocentos anos  
entras sem saber  
onde é que entras

assim é connosco

ninguém sabe o que pode acontecer  
embora os livros digam tudo

*queima os textos* dizia Artaud

5. Junto palavras na máquina de escrever, pela noite dentro, pensando no dia de hoje. Tão bem que nós falávamos todos. Uma língua é um mapa dos nossos erros. Frederick Douglass escrevia num inglês mais puro que o de Milton. As pessoas sofrem desesperadamente na pobreza. Existem métodos, mas não os usamos. Joana, que não sabia ler, falava uma forma camponesa de francês. Algum do sofrimento é: é duro dizer a verdade; isto é a América; não posso tocar-te agora. Na América temos só o tempo presente. Estou em perigo. Estás em perigo. O queimar de um livro não desperta em mim qualquer sensação. Sei que queimar dói. Há chamas de napalm em Catonsville, Maryland. Sei que queimar dói. A máquina de escrever está sobreaquecida, a minha boca queima, não te posso tocar agora e esta é a linguagem do opressor.

Adrienne Rich, 1968

